

BADIOU, Alain; CASSIN, Bárbara. *Heidegger – O nazismo, as mulheres, a filosofia*. Trad. Maria Inêz Duque Estrada. Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2011.

Roberto KAHLMEYER-MERTENS¹

Resumo: Esta resenha crítica visa a examinar o livro: *Heidegger – O nazismo, as mulheres, a filosofia*, de Alain Badiou e Bárbara Cassin. Avaliará, portanto, seus conteúdos, perspectiva e contribuições relevantes para a compreensão e estudo da filosofia de Martin Heidegger. A resenha se justifica por constituir uma apresentação crítica desta obra recém lançada em língua portuguesa, e por documentar a recepção da obra desses autores franceses no Brasil.

Palavras-chave: Heidegger, filosofia alemã, nazismo e filosofia, Badiou, Cassin

Résumé: Cette critique vise à examiner le livre: *Heidegger – le nazisme, les femmes, la philosophie* d'Alain Badiou et Barbara Cassin. Évalue, donc, leur contenu, la perspective et importantes contributions à la compréhension et l'étude de la philosophie de Martin Heidegger. L'examen est justifié par la présentation critique du livre récemment publié en portugais, et le document de la réception de l'œuvre des auteurs français au Brésil.

Mots-clés: Heidegger, philosophie allemande, le nazisme et la philosophie, Badiou, Cassin

Editou-se no Brasil ao final do ano passado a tradução de *Heidegger: Le nazisme, les femmes, la philosophie*, de Alain Badiou e Barbara Cassin. Como anunciado, a obra pretende revisitar o envolvimento de Martin Heidegger (1889-1976) com o partido nacional-socialista alemão. Seus autores, entendendo constituir um requinte, acrescentam a este discussões que envolvem a vida conjugal de Heidegger, seus envolvimento afetivos fora do casamento e sua trajetória acadêmica.

A presente resenha, para uma imparcial avaliação da referida obra, adota para si, desde o início, os seguintes critérios: 1) a relevância dos conteúdos temáticos do livro, e 2) a contribuição para a compreensão dos temas na pauta do filósofo alemão Martin Heidegger. Definido isso, dois problemas reincidirão ao longo de cada passo da recensão, orientando-a: a) qual a relevância que tal tema tem para a filosofia de

¹ Roberto S. Kahlmeyer-Mertens é Doutor em Filosofia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É membro da Sociedade Brasileira de Fenomenologia – SBF. kahlmeyermertens@gmail.com

Heidegger?, e b) como tais argumentos/considerações contribuem para esclarecer a filosofia do autor? A assunção de tais critérios se justifica dado a reconhecermos que os mesmos expressam plausivelmente as requisições de fundamentação e compreensão típicas da filosofia pensada como tarefa rigorosa (rigores aos quais têm a licença de não se submeter aqueles que, movidos por um interesse diletante, entendem a filosofia como apenas um entretenimento erudito).

Em *Ser e tempo (1927)*, sua principal obra, Heidegger dedica a sessão B de seu quinto capítulo aos modos com os quais o homem (pensado segundo a experiência paradigmática de ser-no-mundo) exerce sua existência cotidiana. Para tanto, nessa parte, o filósofo dedicará parágrafos à descrição de fenômenos existenciais característicos do ser-no-mundo cotidiano, seriam eles: o “falatório”, a “curiosidade” e a “ambiguidade”. No interior da analítica existencial, estes fenômenos constituem traços da experiência humana motivando e, mesmo, expressando compreensões e interpretações medianas possíveis num horizonte específico de mundo. Heidegger acentua que estas formas decadentes da existência não devem ser tomadas pejorativamente, afinal, falatório, curiosidade e ambiguidade indicariam modos de ser comum a todo ser-no-mundo cotidiano. Dito de modo ainda mais simples: qualquer ser-aí humano na familiaridade típica de seu mundo decai nestes modos medianos de ser. Assim, no cotidiano, se observa a ligeireza impermanente do comportamento curioso, as interpretações ambíguas que impunemente sustentam imprecisões e falas já sempre recursivas a expedientes de uma linguagem reificada, que acabam por expressar significações ônticas, como clichês e outros tipos linguísticos de “moeda corrente”. Se isso é característico (e, até, remido) do discurso da cotidianidade, é preciso dizer que o mesmo não ocorre no âmbito da filosofia que, mediante ruptura com as compreensões e discursos medianos, é afeita a parâmetros criteriosos, a indicação formal dos conceitos e a rigorosa fixação teórica.

Diante dessas considerações, é digno questionar se *Heidegger: O nazismo, as mulheres, a filosofia* poderia ser considerada uma obra filosófica. Pois, sob um primeiro exame, a ser confirmado na descrição que se seguirá, constata-se que sua forma é inadequada às características filosóficas arroladas acima. Por outro lado, quanto a sua matéria, não seria custoso assentir que a política e, até mesmo, a sexualidade poderiam constituir temas à pesquisa filosófica, entretanto, manda a verdade confessar que esses dois assuntos nunca constituíram tema e questionamento no âmbito da filosofia de Heidegger. E, não constituindo questão para Heidegger (todos sabemos que o filósofo sempre silenciou sobre eles), seria possível objetar sobre a denominação de “questões pontuais”, utilizada em um dos aparatos de apresentação ao livro.

Dedicado aos mencionados assuntos, o livro se divide em oito capítulos, alguns subdivididos em tópicos chamados “controvérsias locais”. No primeiro capítulo, encontramos um posicionamento dos autores que será sustentado ao longo de todo o desenvolvimento da obra, a saber: “Heidegger foi um nazista, não um nazista de primeira importância; um nazista banal, pequeno-burguês de província. Sim, Heidegger é sem dúvida um dos filósofos mais importantes do século XX” (Badiou; Cassin, 2011,

p.25). Após esta afirmativa, o leitor esperaria uma atenção focal sobre o que faria de Heidegger um filósofo destacado em sua época, apesar de sua opção política. O que se vê, entretanto, é o direcionamento inicial a conjecturas acerca das conhecidas acusações contra Heidegger por seu “engajamento empírico com o nazismo” (Badiou; Cassin, 2011, p.19) e sobre a sua suposta “introdução do nazismo na filosofia” (Badiou; Cassin, 2011, p.18).

No esforço por concretizar o que chamaram de “O caso Heidegger”, como reza o título deste capítulo, os autores (na chamada Controvérsia local 3) ainda desenvolvem uma reflexão sobre sexo e gênero em torno da questão da autoridade envolvida no dito “discurso do mestre”. Um pouco dessa teorização pode ser conferida nas palavras de Alain Badiou:

Concordaremos com Lacan quando diz que, na tipologia do discurso, o do histérico parece se superpor mais facilmente a uma posição feminina do que o discurso do mestre, que instaura por sua própria autoridade um significante fundamental e pretende assegurar o poder sobre todas as suas consequências. A “masculinidade” especulativa é, portanto, vulnerável ao dogmatismo, enquanto a “feminilidade”, crítica e performática, é vulnerável ao turbilhão dos julgamentos infundados (Badiou; Cassin, 2011, p. 24).

Mesmo no seu contexto original, essas premissas não esclarecem ao que vêm. O leitor fica a se perguntar em que medida elas teriam a ver com o pensamento de Heidegger. O tom do discurso de Badiou ainda nos traz a leve lembrança de algumas das denúncias feitas por Sokal e Brickmont em seu memorável livro (Sokal e Brickmont, 1999). Entretanto, mesmo sem alcançar inteiramente a importância e o propósito desta reflexão para a filosofia heideggeriana, a passagem nos encaminha à indicação do que virá adiante: comentários sobre a relação de Heidegger com sua esposa Elfride Heidegger e sobre a vida extraconjugal do casal.

O livro, a partir do capítulo segundo, consiste no texto de um prefácio a uma obra que não foi publicada. Tratar-se-ia de um trabalho que, debruçando sobre as cartas íntimas de Heidegger a sua mulher, seria dedicado “não só ao paradoxo do grande filósofo extraviado no nazismo, mas também de um aspecto muito surpreendente dessa correspondência, ou seja, a relação do filósofo com as mulheres” (Badiou; Cassin, 2011, p.26). Tal livro não foi viabilizado devido ao fato de os curadores do espólio de Heidegger não terem permitido a utilização desta documentação privada (podemos supor que o indeferimento tenha ocorrido mediante a observação da preocupação que o próprio filósofo tinha de que suas correspondências pudessem desviar a atenção da obra estabelecida, inquietação esta manifesta na carta-prefácio ao seu exegeta norte-americano William J. Richardson) (Richardson, 1967).

Mesmo cientes da natureza e das circunstâncias limitadoras do trabalho, constata-se o nível inferior da matéria presente neste capítulo dois e no capítulo três (respectivamente chamados de “A propósito do uso da palavra ‘judeu’” e “A propósito do nazismo”). Afinal, é preciso dizer que não há nada ali sobre o episódio nazista de Heidegger que já não tenha sido abordado com maior isenção, propriedade e consistência documental na biografia assinada por Hugo Ott (Ott, 1988) (e, mesmo, na biografia um tanto romanesca de Rüdiger Safranski (Safranski, 2000)). Do mesmo modo, são frágeis as críticas ao uso do jargão autoritário e ao hermetismo terminológico heideggeriano presentes também no capítulo IV (sendo mais proveitosa ao leitor, que porventura se interesse pelo tema, uma leitura da *Dialética negativa* de Theodor W. Adorno (Adorno, 2009)).

Ao se propor a abordar, uma vez mais, o envolvimento de Heidegger com o nacional-socialismo (tocando em assuntos como o autoritarismo, o anti-semitismo e a introdução do nazismo à filosofia), os referidos capítulos perderam a oportunidade de questionar, antes de mais, se é possível falar em nazismo *stricto sensu* em Heidegger. Afinal, como se sabe, entre as características daquela ideologia política está a incitação ao ódio racial (elemento indispensável para que o nazismo assim seja reconhecido), o que contrasta com uma fenomenologia existencial como a de Heidegger, que ao caracterizar a realidade humana como ser-aí (ente apenas determinado pelo seu caráter de poder-ser) elimina do horizonte da filosofia a possibilidade de se admitir um posicionamento essencialmente racial, étnico e, por conseguinte, discriminatório e nazista (a lógica deste argumento se aplicaria com a mesma validade às discussões de sexo e gênero sustentadas por seus autores).

É no capítulo quarto, encimado “Prosa planetária na província alemã”, que a relação com as mulheres ganha sua primeira ênfase. Ali Heidegger é aludido como “sedutor de alunas” (Badiou; Cassin, 2011, p.51) e muito do argumento se atém à “corte feita a Elfride por Martin Heidegger durante a Primeira Guerra Mundial” (Badiou; Cassin, 2011, p. 52), desta relação nossos autores impressionam ao deprender que “nem aí Heidegger é platônico no sentido dóxico do termo” (Badiou; Cassin, 2011, p.53). No remate deste breve capítulo de ganho incerto, o argumento ainda se refere às alunas-amantes de Heidegger (entre elas a filósofa Hannah Arendt) como “aventureiras intelectuais” e “princesas entediadas” (Badiou; Cassin, 2011, p.56).

Dando sequência ao que foi explorado no momento imediatamente anterior, o quinto capítulo, “As mulheres de Heidegger”, retoma a discussão sobre *sexo e gênero* presente no primeiro. Reproduzindo elementos encontrados em cartas de Heidegger às suas amantes, Cassin e Badiou passam as próximas 12 páginas do livro especulando sobre as formas carinhosas tratamento que Heidegger utilizava em sua correspondência. Daí, expressões como “Minha querida amiguinha”, “*Mein liebes Seelchen*”, são tratadas como elemento indispensável a uma teoria sustentada com base nas ideias de masculino-feminino, grande-pequeno, aumentativo-diminutivo e com imprevistas associações com a noção de sagrado no sentido cristão do termo. Categorias, diga-se a bem da verdade, inteiramente alheias ao pensamento do filósofo.

Adicionalmente, o capítulo expõe detalhes da vida privada do casal Heidegger como, por exemplo, o filho ilegítimo que Elfride teria tido, fruto de um relacionamento extraconjugal. Seria difícil admitir que estas informações colaborariam efetivamente com uma melhor compreensão da filosofia heideggeriana e ao refinamento de suas pesquisas.

Apesar disso, é diante dessas ideias que o capítulo sexto, chamado “Manobras e carreira”, se inicia nos seguintes termos:

Em todas essas ligações, o que transita, nos próprios termos de Heidegger, da delimitação pecadora da vida pequena à grandeza da obra pensante, do material sentimental e sexual (*sic*) às conceituais e linguageiras, das quais esse material constitui um importante veio vital, acompanha outra dialética: a da carreira, dos laços que se estabeleceram entre a função professoral e seus avatares, e o progresso da obra escrita (Badiou; Cassin, 2011, p.71).

A parcialidade deste diagnóstico reincide ainda sobre as três laudas que totalizam este capítulo atípico, ressaltando o quanto ele é insuficiente para retratar, como pretendia, os fatos da carreira docente-acadêmica do filósofo (sobre isso, teríamos novamente a recomendar ao leitor a mencionada biografia do filósofo (Ott, 1988)).

Um dos últimos capítulos do livro, também um dos mais equívocos, é “Casais de França e Alemanha”. Neste passo, seus autores acham “interessante comparar a figura social e intelectual do casal Heidegger com a do casal Sartre-Beauvoir” (Badiou; Cassin, 2011, p.75). Não é preciso avançar muito para redundar na evidência de que “os casais são dissimétricos” (Badiou; Cassin, 2011, p.76). Mesmo assim, se insiste na forçosa aproximação da companheira de Sartre à esposa de Heidegger (esta última que, como sabemos, tinha uma vida estritamente doméstica, sem a militância intelectual da outra). No presente tópico, ainda se pode encontrar premissas segundo as quais: “A diferença essencial entre Heidegger e Sartre, que muitos traços de sua época aproximam, é, no fundo, que um é professor da província alemã e o outro, um intelectual parisiense” (Badiou; Cassin, 2011, p.79). A ingenuidade que transparece dessa declaração (que julga poder reduzir essencialmente dois pensadores e suas alentadas obras a um traço de regionalidade) evoca ainda sua proporcional ambiguidade.

Diante do acima apresentado, a leitura do livro em apreço apenas realça o quanto as conjecturas sobre o nazismo de Heidegger gravitam à margem da filosofia deste pensador. O que nos leva a crer que tais circunlóquios só sejam possíveis de se aceder quando desqualificamos os temas centrais e questionamentos legítimos à filosofia de Heidegger. Isso em parte explica o livro elaborado a partir de poucas evidências, abundantes críticas impressionistas e com perspectiva orientadora eivada das idiosincrasias de seus autores, fato que faz com que tudo soe insipiente, mesmo quando

é gente com um trabalho respeitável (como o de Barbara Cassin) que o diz. A presente avaliação não pode se furtar de indicar que o livro mais confunde do que esclarece os que buscam se aproximar da filosofia de Heidegger, e que, no subtítulo de *Heidegger – O nazismo, as mulheres, a filosofia*, é, justamente, seu último quesito que permanece carente: um sério abalo no propósito e relevância de uma obra de filosofia, fazendo com que sua contribuição seja qualificada como duvidosa.

Ao fim, basta conhecer um pouco da política de editoras que publicam filosofia a sério (na França e no Brasil) para perceber que, não fossem Alain Badiou e Barbara Cassin nomes incensados na atual cena filosófica, seria improvável a edição deste título. De sorte que sua publicação é apenas explicada pelo interesse mercadológico de venda fácil impulsionada por temas polêmicos. Diante disto, não se pode deixar de resgatar uma frase do livro que, originalmente se referindo ao nazismo de Heidegger, seria também oportuna para este momento: “Não é difícil encontrar em toda história da filosofia uma espécie de rol de certezas e compromissos duvidosos” (Badiou; Cassin, 2011, p.8).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BADIOU, Alain; CASSIN, Bárbara. «Heidegger – O nazismo, as mulheres, a filosofia». Trad. Maria Inêz Duque Estrada. Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2011.

SOKAL, Alan; BRICMONT, Jean. «Imposturas intelectuais: O abuso da ciência pelos filósofos pós-modernos». Trad. Max Altman Rio de Janeiro: Record, 1999.

RICHARDSON, Willian James. «Heidegger: Through phenomenology to thought». The Hague: Martius Nijhoff, 1967. p.17.

OTT, Hugo. «Martin Heidegger: A caminho de sua biografia». Trad. Sandra Lippert Vieira. Lisboa: Instituto Piaget, 1988.

SAFRANSKI, Rüdiger. «Heidegger: Um mestre da Alemanha entre o bem e o mal». Trad. Lya Luft. São Paulo: Geração Editorial, 2000.

ADORNO, Theodor W. «Dialética negativa». Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.